

FONTE : DESP

CLASS. : Yanomami 1997

DATA : 7 4 90

PG. : 10  
*capa*

# Feministas atacam ianomamis

**PAULO SOTERO**  
Correspondente

WASHINGTON — Demorou, mas aconteceu. A campanha pelos direitos dos índios brasileiros, um dos grandes temas dos grupos ecológicos norte-americanos preocupados com a preservação da Amazônia, trombou com a luta pela emancipação das mulheres — outro assunto politicamente mobilizador nos Estados Unidos. A colisão ocorreu numa sala de aula do Menlo College, em Atherton, Califórnia; e foi parar na seção de cartas da edição de quinta-feira do Wall Street Journal.

A discussão veio à tona a partir da leitura, feita pela professora de Comunicação Marilyn Faulkenburg, do artigo "A Tragédia Amazônica", que o jornal publicou dia 21 de março, na primeira página. Nele, relatava-se que os índios ianomamis cultivavam o hábito de bater em suas mulheres. Alunos e professora terminaram o debate sem saber a quem atribuir o papel de vilão: se aos milhares de garimpeiros que invadiram as terras da tribo (partido to-



Renato dos Anjos/AE

*Índias: alvo de 'machismo'*

mado pelo jornal) ou aos próprios índios.

"De acordo com o notável antropólogo Marvin Harris, os ianomamis foram apelidados de povo feroz porque praticam o espancamento de mulheres e o infanticídio feminino", escreveu Marilyn. "Nossa pergunta é: essa sociedade merece ser protegida contra o século XX? Ou, para colocar a questão de outra forma: os garimpeiros são realmente os bandidos nessa história, como sugere o artigo?", pergunta a professora. Para ela, são os antropólogos que mais têm a ganhar com a preservação de uma cultura "tão brutal e primitiva".

Em Washington, a organização Sobrevivência Internacional, que promoveu uma vigília em favor dos ianomamis, no mês passado, nem sabia da carta. E o antropólogo Stephen Schwartzman, do Fundo de Defesa do Meio Ambiente — o grupo mais ativo nas tentativas de obter recursos nos bancos de desenvolvimento —, classificou Marvin Harris de "picareta". "Esse antropólogo dá uma visão exagerada de alguns aspectos da cultura ianomami", conclui Schwartzman.

## Feminismo dos EUA contesta luta ianomâmi

A campanha pelos direitos dos índios ianomâmis ganhou sua versão feminista nos EUA. Em carta publicada pelo Wall Street Journal, a professora Marilyn Faulkenburg pergunta se um povo que "pratica o espancamento de mulheres e o infanticídio feminino merece ser protegido contra o século 20". Marilyn discutiu com os alunos se os vilões eram os índios ou os garimpeiros que invadiram suas terras, mas não houve consenso.